

# INTELECTUAIS, EDUCAÇÃO E CATOLICISMO NA CAPITAL DO PARANÁ (1929-1954)

Névio de Campos \*

## RESUMO

Este artigo visa analisar o processo de organização do laicato católico na cidade de Curitiba no período de 1929 a 1954, enfatizando sua ação no Círculo de Estudos Bandeirantes (CEB). Esta narrativa desloca-se entre a ação dos intelectuais católicos que visava estabelecer o CEB e suas práticas discursivas que objetivavam promover a cosmovisão religiosa entre a juventude curitibana. Em sentido mais preciso, analisa os sentidos dos enunciados promovidos pelo laicato católico, privilegiando suas redes de filiação e de socialização (campo), suas visões de mundo (representações/conhecimento) e seus modos de dizer (discursos). Apoia-se nos documentos do arquivo do CEB, particularmente nos artigos publicados em sua revista, os quais são analisados sob a perspectiva da história da educação e da história intelectual da educação, visando restituir o projeto do laicato católico no Paraná, sem esquecer o contexto nacional e internacional como pano de fundo do movimento romanizador da Igreja Católica.

**Palavras-chave:** Intelectuais – Educação – Catolicismo

## ABSTRACT

### INTELLECTUALS, EDUCATION AND CATHOLICISM IN THE CAPITAL CITY OF PARANÁ (1929-1954)

The present article proposes an analysis of the organizational process of the Catholic laity in the city of Curitiba from 1929 to 1954, highlighting its activity in the Bandeirantes Study Circle (BSC). The narrative shifts between the acts of the Catholic intellectuals aiming to establish the BSC and their discourse intended to promote a religious cosmic view among the young generation of Curitiba. In a stricter sense, it analyses the meaning underlying the pronouncements of the Catholic laity, which favour its affiliation networks and socialization (field), its worldviews (representations/knowledge) and manners of expressing (speeches). It bases itself on documents from the BSC archives, particularly the ones published in their magazine and which are analysed from the perspective of history of education and intellectual history of education, aiming at restoring the project of the Catholic laity in Paraná without neglecting the national and international contexts as the backdrop of the romanizing movement of the Catholic Church.

**Keywords:** Intellectuals – Education – Catholicism

---

\* Doutor em Educação (Linha história e historiografia da educação) pela UFPR. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Paraná. Endereço para correspondência: Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Rua Lopes Trovão, 262, Vila Estrela, Ponta Grossa – Paraná, CEP 84040080  
E-mail: nmestrado@ig.com.br/ndoutorado@yahoo.com.br.

## Introdução

Este artigo visa estabelecer uma síntese da organização do laicato católico na cidade de Curitiba no período de 1929 a 1954, enfatizando sua ação no Círculo de Estudos Bandeirantes (CEB). Tal recorte apoia-se no período de fundação deste espaço cultural (1929) e no aniversário de 25 anos de sua criação (1954). Entre 1929 e 1938, o grupo católico assumiu sua organização intelectual e política no interior do CEB. Desde então tal centro cultural dividiu com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná (FFCL) e a Faculdade Católica de Filosofia de Curitiba (FCFC) a tarefa de formação e divulgação da cultura paranaense e da doutrina católica entre a elite cultural curitibana. A criação da FFCL (1938) e da FCFC (1950) não implicou supressão do CEB, entretanto representou sua relativização como locus de formação intelectual e política do laicato católico. A despeito disso, este artigo busca compreender os sentidos atribuídos ao CEB no ato de sua criação e no momento comemorativo de seus 25 anos de história.

Este texto transita entre a ação dos intelectuais católicos que visava estabelecer o CEB e suas práticas discursivas que objetivavam promover a cosmovisão religiosa entre a juventude curitibana. Em termos específicos, analisa os sentidos dos enunciados promovidos pelo laicato católico, enfatizando suas redes de filiação e de socialização (campos), suas visões de mundo (representações/conhecimentos) e seus modos de dizer (discursos). Nesses termos, apoia-se nas reflexões de Pierre Bourdieu, particularmente no conceito de campo e de intelectual. A interlocução com o conceito de campo contribui para analisar a conformação da visão de mundo do pensamento católico. A acepção de intelectual possibilita compreender os integrantes do CEB como mediadores culturais (produtores culturais), aqueles que “detêm um poder específico, o poder propriamente simbólico de fazer com que se veja e se acredite, de trazer à luz, ao estado explícito, objetivado, experiências mais ou menos confusas, fluídas, não formuladas, e, até essa via, de fazê-las existir” (BOURDIEU, 2004, p. 176). A narrativa deste artigo põe em circulação tais conceitos de Bourdieu para interpretar os

enunciados do grupo católico proferidos no CEB entre as décadas de 1930 e 1950.

## Círculo de Estudos Bandeirantes: locus de sociabilidade dos intelectuais católicos paranaenses

Em março de 1929, sob os auspícios de Pe. Luis Gonzaga Miele, José Loureiro Fernandes e José F. Mansur Guérios, ocorreu a primeira movimentação pela criação do CEB. Entretanto, foi em 12 de setembro do mesmo ano que aconteceu a oficialização da sua constituição. Assim foi narrada a criação deste centro cultural:

[...] aos onze dias do mês de setembro de mil novecentos e vinte e nove, nesta Cidade de Curitiba, na sede do Círculo de Estudos Bandeirantes [...], às 7 ½ hora da noite [...] declarou o Conselheiro Revmo. Sr. P. Luis Gonzaga Miele aberta a sessão de instalação do Círculo de Estudos Bandeirantes (Ata de fundação do Círculo..., p. 59)<sup>1</sup>.

Tal instituição foi organizada por um grupo de onze pessoas que se denominaram representantes do laicato católico paranaense. O padre Luis Gonzaga Miele é retratado pela documentação consultada como o principal idealizador deste projeto na capital do Paraná. O grupo reconhecia o papel de coordenador exercido por Miele:

Ao principal fundador e organizador, Revmo. Pe. Luis Gonzaga Miele, enquanto entre nós, confiou sempre o Conselho a suprema direção do Círculo de Estudos, na qual permaneceu até Dezembro de 1932, época em que transferiu sua residência deste estado (REVISTA DO CÍRCULO..., 1934, n. 1, p. 2).

Esta memória monumentaliza o controle que o clero assumia sobre a organização dos intelectuais leigos. Ou seja, reproduz a tese do movimento de romanização (emanado de Roma/Vaticano) que apregoava a centralização do projeto político-teológico no clero. Nesse sentido, o Pe. Miele representava a hierarquia católica nos espaços culturais e políticos estabelecidos pelo laicato. Sob a coordenação deste padre, compuseram o grupo

<sup>1</sup> A ata de fundação do CEB está publicada na Revista do CEB, nº. 3, 1989. A indicação da página segue a publicação do referido número da revista.

mais dez personalidades que expressavam o ideário de famílias detentoras de significativo poder simbólico (capital cultural, religioso e político), entre os quais destacamos as famílias Fernandes (campo acadêmico) e Munhoz da Rocha (campos acadêmico e político).

O grupo fundador foi formado por **Antônio Rodrigues de Paula**, nascido na cidade da Lapa, Paraná, no dia 25 de novembro de 1881. Em 1913, formou-se em Direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro; **Benedicto Nicolau dos Santos**, também da cidade da Lapa, nascido no dia 10 de setembro de 1878. De todos era o único que não detinha capital institucionalizado (diploma de ensino superior). Ele era autodidata em artes, particularmente em música; **Bento Munhoz da Rocha Neto nasceu em 17 de dezembro de 1905** na cidade de Paranaguá, Paraná. Em 1927, concluiu o curso de Engenharia Civil na Faculdade de Engenharia do Paraná; **Carlos Araújo de Brito Pereira** nasceu em 14 de março de 1901 na cidade de Manaus. Em 1922, formou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Pará; **José de Sá Nunes** é natural da cidade de Vitória da Conquista, Bahia, nascido no dia 7 de junho de 1889. Em 1916, obteve o título de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito da Bahia; **José Farani Mansur Guérios**, natural da cidade de Curitiba, nascido em 7 de novembro de 1905. Em 1930, concluiu o curso de Direito na Faculdade de Direito do Paraná; **José Loureiro Ascensão Fernandes** nasceu em Lisboa no dia 12 de maio de 1903. Em 1927, formou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; **Liguaru Espírito Santo nasceu em 13 de agosto de 1900 na cidade de Tibagi, Paraná**. Tinha formação de professor normalista pela Escola Normal do Paraná. Em 1921, formou-se também no curso de Engenharia Agrônômica pela Faculdade de Engenharia do Paraná; **Pe. Luis Gonzaga Miele** nasceu em São Bernardo do Campo no dia 31 de maio de 1893. Concluiu sua formação filosófica e teológica em Dax e Paris. Em 1920, foi ordenado padre; **Pedro Ribeiro Macedo da Costa**, natural da cidade do Porto, nasceu em 25 de julho de 1880. Em 1922, formou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Paraná; **Waldemiro Augusto Teixeira de Freitas** nasceu na cidade de Alagoinhas, Bahia,

no dia 13 de maio de 1894. Em 1919, concluiu o curso de Engenharia Civil na Faculdade de Engenharia do Paraná.

O grupo fundador era detentor de um capital comum: membros de uma camada social privilegiada, isto é, detinham o capital cultural nos três estados descritos por Bourdieu: incorporado, objetivado e institucionalizado. O incorporado consiste em “um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da ‘pessoa’, um habitus” (BOURDIEU, 1998, p. 74-75). O objetivado é a materialização do capital cultural, tais como o acesso a livros, bibliotecas, obras de artes. É o conjunto de condições materiais que os detentores de capital social e de capital econômico têm a sua disposição. O institucionalizado constitui a premiação por meio de títulos e diplomas acadêmicos. A origem familiar e social deste grupo facilitava o acúmulo do capital cultural nos seus três estados, o que legitimava suas ações e suas práticas discursivas no cenário curitibano. O CEB foi constituído pela elite intelectual católica de Curitiba. No decorrer da década de 1930 este espaço cultural reuniu em seu interior indivíduos com potencialidade para debater sobre os principais problemas da cidade e para dirigir as esferas estatais, visando aproximar os interesses do poder eclesiástico e do poder civil.

O grupo fundador identificava-se por portar elementos comuns: 1) vinculação à verdade religiosa católica; 2) formação acadêmica similar; 3) ocupação profissional de letrados. Todos professavam fidelidade ao pensamento ou à doutrina católica. É nesse sentido que o CEB foi postulado como “uma sociedade cultural, não aberta e declaradamente religiosa, confessional” (Correspondência do Pe. Miele a Loureiro Fernandes, 6 de julho de 1956). Com exceção de Benedicto Nicolau dos Santos Neto, todos eram portadores de títulos acadêmicos (estado cultural institucionalizado). As atividades profissionais exercidas pelo grupo estavam intimamente vinculadas aos três estados de capital cultural, particularmente ao institucionalizado. Pe. Miele (professor de filosofia do Ginásio Paranaense); Antonio de Paula (juiz em Curitiba); Bento Munhoz Neto (engenheiro civil); Carlos Araújo (professor de língua portuguesa da Escola Normal do Paraná); José Loureiro (médico); José

de Sá Nunes (professor de português do Ginásio Paranaense); José M. Guérios (advogado); Liguaru Espírito Santo (professor normalista/agrônomo); Pedro Ribeiro (professor do Ginásio Paranaense e da Faculdade de Engenharia do Paraná); Waldemiro de Freitas (professor do Ginásio Paranaense e da Faculdade de Engenharia do Paraná). Este grupo ocupava as atividades que estavam em consonância com o processo de regulamentação profissional das instituições modernas. Benedicto dos Santos Neto não exercia atividade que se vinculava a regulamentação rígida, pois não detinha o capital institucionalizado, não obstante era professor de música, cuja função não sofria a conformação e o controle formal semelhante às demais ocupações. Embora este último não possuísse capital institucionalizado, detinha capital cultural incorporado e capital objetivado. Tais observações evidenciam a afirmação de Bourdieu: “os detentores do mesmo título tendem a constituir-se em grupo e a dotar de organizações permanentes [...] destinados a assegurar a coesão do grupo [...] e promover os seus interesses materiais e simbólicos” (BOURDIEU, 2002, p. 149).

Os encontros ordinários eram organizados com exposições temáticas por parte dos sócios, contemplando aspectos desde a história regional, nacional e internacional até problemas da filosofia e da teologia. A rigor, nas reuniões poderia ser ventilado “qualquer assunto, mesmo religioso, mas dentro dos princípios da ortodoxia religiosa, filosófica, científica etc.” (Correspondência do Pe. Miele a Loureiro Fernandes, 6 de julho de 1956). Além disso, emendava Pe. Miele, “o candidato viria ao Círculo com suas dúvidas, incertezas, talvez preconceitos, mas precisamente para, a seu tempo, desfazer-se dessa carga inútil e prejudicial à verdadeira cultura”. No primeiro biênio vinte e um associados promoveram palestras/conferências nas reuniões, entre os quais estavam os onze fundadores. Entre os associados não fundadores destacamos Algacir Munhoz Maeder<sup>2</sup>, Ildefonso Puppi<sup>3</sup>, Manoel Lacerda Pinto<sup>4</sup>, Mario Braga de Abreu<sup>5</sup>, Artur Martins Franco<sup>6</sup>, Joaquim de Matos Barreto<sup>7</sup>. Entre 1930 e 1931 foram promovidas dezoito conferências, das quais apenas oito foram proferidas pelos sócios fundadores. Entre 1932 e 1933 dezesseis palestras, sendo apenas cinco coor-

denadas pelos sócios fundadores. No ano seguinte ocorreram dezoito exposições, das quais cinco foram organizadas pelos fundadores. De 1934 a 1935, vinte e duas conferências foram organizadas no CEB, com destaque para “lições de filosofia” ministrada aos bandeirantes por Jesus Ballarin Carrera. Deste total apenas seis estavam sob a responsabilidade dos fundadores. Na sequência aconteceram dezoito exposições, sendo sete proferidas pelos sócios fundadores. Entre 1936 e 1937 foram promovidas dezenove palestras, entre as quais destacamos “lições de filosofia”, ministrada por Ballarin Carrera, das quais oito ficaram sob a direção dos fundadores. No ano seguinte houve quatorze apresentações, sendo quatro organizadas pelos sócios fundadores. No último ano do primeiro decênio foram promovidas vinte e uma palestras, tendo seis sócios fundadores entre eles.

Essa resenha dos trabalhos apresentados pelos sócios nas reuniões foi publicada na Revista do CEB em 1939. Tal síntese indica que: 1) o número de associados do CEB cresceu significativamente na década de 1930; 2) alguns dos novos associados assumiram posição de destaque no interior do CEB, entre eles Manoel de Lacerda Pinto, Artur Martins Franco e Mário Braga de Abreu; 3) entre os sócios fundadores, os que mais proferiram conferências foram José Loureiro Fernandes (todos os anos) e Liguaru Espírito Santo (exceto em 1937-1938); 4) nem todos os sócios coordenaram palestras, como por exemplo, Antônio Rodrigues Paim e Athanasio Sant’Anna; 5) os representantes do clero assumiram posição intelectual de destaque no CEB (Pe.

<sup>2</sup> Natural de Curitiba. Nasceu em 22 de abril de 1903. Formado em Engenharia Civil pela Faculdade de Engenharia do Paraná. Professor nesta faculdade e no Colégio Estadual do Paraná (Ginásio Paranaense).

<sup>3</sup> Nasceu em Campo Largo, Paraná, em 28 de novembro de 1907. Formado em Engenharia Civil pela Faculdade de Engenharia do Paraná.

<sup>4</sup> Natural da cidade da Lapa, Paraná. Nasceu em 4 de dezembro de 1893. Formado em Direito pela Faculdade de Direito de São Paulo. Professor na Faculdade de Direito do Paraná.

<sup>5</sup> Nasceu em 25 de abril de 1906 na capital do Paraná. Em 1930, formou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

<sup>6</sup> Natural de Campo Largo. Nasceu em 17 de abril de 1876. Formado em Engenharia Civil pela Escola Politécnica de São Paulo.

<sup>7</sup> Nasceu em Curitiba no dia 24 de janeiro de 1901. Professor normalista. Diplomado em Agronomia e Engenharia Civil pela Faculdade de Engenharia do Paraná.

Gonzaga Miele e Pe. Ballarin Carrera).

As temáticas abordadas nas referidas conferências tinham caráter pluridisciplinar – física, química, biologia, medicina, geografia, história, filologia, literatura, música, estética, religião, teologia, filosofia, educação, antropologia, sociologia, política, cinema, direito, psicologia, linguística etc. Era recorrente a organização de comentários de obras e de autores considerados relevantes nas mais variadas áreas, como por exemplo, a apreciação da obra “Política” de Alceu Amoroso Lima, feita por Mario Braga de Abreu, e os comentários sobre “os conceitos de Renan”, promovidos por Bento Munhoz da Rocha Neto.

Do conjunto das temáticas, as que tratam da educação, da religião e da filosofia são fundamentais à narrativa deste artigo. Os títulos das conferências proferidas pelos associados que se aproximam das temáticas acima são: 1) necessidade de conglumar esforços e energias esparsas; nos domínios da incoerência; sistema pedagógico das escolas Ave-Maria; monismo materialista e ciência moderna; problema do mal; o ensino religioso nas escolas; a missão da imprensa; vicissitudes de um periódico; definições necessárias (Pe. Miele); 2) a má imprensa e a modernidade; a questão social à luz da *Rerum Novarum*; o bom e o mau mestre; estudo sobre S. Emília. o Cardeal Mercier; comentários a uma entrevista do Dr. Alceu Amoroso Lima sobre o Plano Nacional de Educação (Liguaru Espírito Santo); 3) cristianismo diante da encruzilhada; sobre o tomismo; classificação tomista das ciências (Bento M. da Rocha Neto); 4) a boa e a má imprensa (José de Sá Nunes); 5) a personalidade e a obra de Jacques Maritain (Manoel L. Pinto); 6) palestra bibliográfica sobre “no limiar da idade nova”, de Tristão de Athayde; apreciações a “indicações políticas” e “na tribuna e na imprensa”, de Tristão de Athayde (José F. M. Guérios); 7) apreciação da obra “Política”, de Tristão de Athayde; a personalidade de Tristão de Athayde; comentários ao artigo da Revista A Ordem – o clero e o laicato de Tristão de Athayde (Mário B. de Abreu); 8) lições de filosofia ministradas aos bandeirantes (Pe. Jesus Ballarin Carrera); 9) a personalidade e a obra de Jacques Maritain (Manoel de Oliveira Franco Sobrinho)<sup>8</sup>.

Em 1934, o grupo do CEB estabeleceu a revista institucional (Revista do CEB). No primeiro

número os editores (Loureiro Fernandes e José F. M. Guérios) assinalaram “de que há muito tempo vinham, aqueles que labutam no Círculo de Estudos Bandeirantes, sentindo a carência duma publicação periódica que recolhesse os trabalhos originais realizados num quinquênio de profundo e intenso labor” (REVISTA DO CÍRCULO..., 1934, p. 1). Além disso, explicitaram a natureza da publicação deste periódico: “são suas páginas destinadas não só a estudos científicos, históricos e literários contemporâneos, como também à reprodução de valiosos trabalhos antigos e documentos referentes ao Paraná” (p. 1). Na avaliação dos editores, as páginas da referida revista “tornar-se-ão, assim, um meio eficiente ao intercâmbio cultural do Círculo de Estudos com os diversos núcleos intelectuais e institucionais oficiais do país” (p. 1).

No período de 1934 a 1939, a publicação da revista foi ininterrupta, ou seja, ocorreu o lançamento de um número a cada ano. Desde então a periodicidade foi descontínua. Em 1939, foi publicado o primeiro número do tomo segundo. Os demais números foram lançados nos anos de 1941 (n. 2), 1944 (n. 3), 1949 (n. 4), 1954 (n.5). Na nossa avaliação tal alteração deve-se em grande medida à pulverização da ação do laicato católico paranaense que, a partir da década de 1940, passou a atuar de maneira direta na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná. Tal hipótese é evidenciada por Loureiro Fernandes em seu pronunciamento de 1945 por ocasião da “festa da cumieira” da sede própria do CEB<sup>9</sup>, no qual rememorou a afirmação de Lacerda Pinto:

O ciclo inicial de sua vida [CEB], como o de maior alvoroço na produção de trabalhos a serem lidos nas sessões realizadas sem desfalecimentos, todos queriam numa justa emulação dar provas do seu ardor. Nem faltou a justificar essa denominação de **crístãos novos** o cenário apropriado das **catacumbas** que assim chamava o nosso Revmo. Conselheiro [Pe. Miele] aquelas salas da Rua José Loureiro, onde estivemos alojados por largos nove anos (REVISTA DO CÍRCULO..., 1949, p. 544, grifo no original).

A este período o locutor demonstrava nostalgia

<sup>8</sup> Nasceu em Curitiba no dia 10 de janeiro de 1916. Formado em Direito pela Faculdade de Direito do Paraná.

<sup>9</sup> Este pronunciamento foi publicado no número quatro, tomo 2, da Revista do CEB.

ao expressar “quão distantes sentimos aquelas humildes e serenas catacumbas da nossa alvorada” (p. 544). Além disso, indica a existência de outro momento da história deste centro cultural: “o seu segundo período de vida, nesse balanço quinquenal, é período de transição, o Círculo, ao consolidar o seu ideal de formar homens de convicções, vê seus componentes, por fidelidade a nobres ideais, derivarem grande parte da sua atividade para outros setores culturais” (p. 544). Tais atividades consubstanciam a própria pulverização das ações dos católicos. “Nas atividades culturais do Museu Paranaense e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras podemos bem caracterizar esse benefício, reflexo de uma ação sempre circunscrita a roteiro de cultura sistematizada” (p. 545).

Nas páginas da Revista muitas temáticas foram publicadas. Ao objetivo deste artigo destacamos as reflexões promovidas sobre os aniversários de dez, de vinte e de vinte e cinco anos do CEB. Em 1939, no editorial, Bento Munhoz da Rocha Neto fez exposição comemorativa do primeiro decênio de fundação deste centro cultural<sup>10</sup>. Ele reafirmou o ideal cultural que norteou a fundação do CEB, bem como as atividades que foram desenvolvidas ao longo da década de 1930. Reiterou que o CEB “instituiu acima da vacuidade das fórmulas aceitas e dos conceitos sovados, um roteiro de cultura sistematizada, que alguma coisa de nova vinha instaurar no marasmo ambiente” (REVISTA DO CÍRCULO..., 1939, p. 3). Movido pelo sentimento bandeirante, o CEB foi um “desbravador ao abrir clareiras na massa de preconceitos medularmente burgueses, retalhos de ideologias liberais e agnósticas” (p. 3). Ao ser “enamorado da unidade e da ordem, disseminou, em curso regular, preceitos definitivos do tomismo. Pregou na hora delirante dos imediatismos e dos êxitos, o primado eterno do espírito” (p. 3). Na visão do editor o CEB:

Deu acolhida a todos os homens de boa vontade: aos que já possuíam a formação essencial dos seus princípios; aos que vinham cansados do exclusivismo das culturas especializadas, exigidas pelos misteres profissionais; aos que não criam nos mitos agonizantes; aos que aspiravam por uma referência doutrinária, para localizar e definir a atitude mental do autor do último livro; aos hesitantes; aos dispostos (p. 3-4).

Além disso, destacou que “certo de que as verdades imutáveis são verdades sob todos os prismas, dentro de sua hierarquia, não traçou fronteiras ao pensamento, nem erigiu setores impenetráveis à curiosidade” (p. 4). Em termos mais precisos, indicou que o CEB “ensinou o que é renovável e o que fica. O que envelhece e o que é sempre atual. O que pode ser preferido numa época ou numa região, e o que é idêntico em todas as épocas e em todas as regiões” (p. 4). Finaliza sua intervenção ao asseverar que “em dez anos, o Círculo fez muito. Mas, no limiar deste segundo decênio de vida, novas exigências se apresentam e novas perspectivas se ampliaram. O entusiasmo é o mesmo de há dez anos. Os ‘bandeirantes’<sup>11</sup> continuarão” (p. 7). As observações de Munhoz da Rocha Neto visavam monumentalizar uma representação positiva do CEB, portanto enfatizavam as suas contribuições intelectuais, os desafios e o entusiasmo de seus membros.

Em 1949, o editorial escrito por José Loureiro e Homero Batista de Barros fez referência aos vinte anos do CEB. O tom comemorativo do vigésimo aniversário enfatizou a inauguração da sede própria deste centro cultural. “No segundo decênio, os ‘bandeirantes’, procurando não desmerecer nobres propósitos, nortearam as atividades no sentido de consolidar a sua casa para a nobre e vital função de verdadeiro ‘círculo de estudos’” (REVISTA DO CÍRCULO..., 1949, p. 361). Os editores ponderam que “longos intervalos ocorreram entre as datas do aparecimento dos quatro números do tomo segundo, mas nesses períodos, fiéis ao seu ideal de cultura, prosseguiram os ‘bandeirantes’ sem esmorecimentos sua obra radicada fundamentalmente na verdade cristã” (p. 361). Em comparação, “nos dez primeiros anos caracterizou sua atuação em nosso meio pela continuidade dos estudos e conferências

<sup>10</sup> Manoel Lacerda Pinto fez pronunciamento do “discurso na sessão comemorativa do transcurso do primeiro decênio do Círculo de Estudos Bandeirantes”. Para fins deste artigo, dialogaremos com o editorial

<sup>11</sup> O grupo católico do CEB denominava-se, em muitas situações, de bandeirante. Pe. Miele assim se expressava sobre o nome do CEB: “Bandeirantes! Pois não era, acaso, o projetado Círculo uma nova ‘bandeira’ *sui generis*, que se arrojava para os sertões do saber, a cata das verdes esmeraldas e das áureas pepitas da verdade [...]” (REVISTA DO CÍRCULO..., 1949, p. 553). Este termo traduzia metaforicamente o sentido desbravador dos católicos em alusão aos bandeirantes paulistas que desbravaram as terras brasileiras.

e pela divulgação de publicações periódicas, com as quais consolidou o intercâmbio cultural com instituições nacionais e estrangeiras” (p. 361). Diferentemente do discurso da “festa da cumieira” da sede do CEB proferido em 1945, no qual reclamava da ausência dos associados nas atividades deste círculo cultural, na redação do editorial, Loureiro Fernandes e Homero de Barros justificaram que a diminuição das palestras e a descontinuidade da publicação da revista deviam-se ao processo de criação da sede própria. Tal contradição expressa o lugar de onde os locutores se pronunciavam. No editorial, a característica da intervenção é comemorativa. No pronunciamento da “festa da cumieira”, Loureiro Fernandes sofreu um menor grau de censura, uma menor interdição discursiva. Desse modo, tais pronunciamentos não são contraditórios, pois expressam os múltiplos posicionamentos dos intelectuais. Encerram o editorial referindo-se aos contínuos combates já empreendidos pelos membros do CEB e conclamando para os “caminhos a serem palmilhados [...] para [o] mais apreciável serviço ao bem comum através de todos os esforços em prol da recristianização da intelectualidade dos tempos presentes” (p. 361-362).

Em 1954, ano de comemoração do jubileu de prata do CEB, foi lançado o número cinco da revista. Este número foi uma edição especial comemorativa do 25º aniversário de fundação daquele centro cultural. As atividades comemorativas foram realizadas no dia 11 de setembro de 1954, as quais consistiram em: 1) saudação do Conselheiro Emérito Pe. Luis Gonzaga Miele; 2) pronunciamento de Liguaru Espírito Santo (Vice-presidente do CEB); 3) pronunciamento de Bento Munhoz da Rocha Neto (governador do estado do Paraná). O editorial deste número foi escrito por José Loureiro (redator da revista). Na avaliação do editor,

marcou-lhe assim uma época, pois, não há negar, a obra de equilíbrio, realizada, neste segundo quartel do século XX, pelo ‘Círculo de Estudos Bandeirantes’, criando em nosso meio, em alto padrão intelectual, um núcleo de estudos, no qual a obra civilizadora do cristianismo tem podido ser estudada à luz serena da verdade histórica (REVISTA DO CÍRCULO..., 1954, p. 561).

Assevera também que “é o Círculo de Estudos hoje, um instituto de alta cultura, cooperando com

núcleos congêneres, na defesa do patrimônio intelectual do Paraná” (p. 562). O pronunciamento oficial do CEB em decorrência dos seus 25 anos foi promovido por Liguaru Espírito Santo, no qual apresentou uma resenha das atividades desenvolvidas durante este tempo. Na parte conclusiva sustentou que o “Círculo de Estudos é, na sua feição cultural, um verdadeiro Instituto Universitário, ou, pelo menos, um Instituto de Extensão Universitária, e é neste sentido que deve continuar o seu labor, concorrendo para a formação do Homem paranaense” (REVISTA DO CÍRCULO..., 1954, p. 769).

Na festividade dessa data, Bento Munhoz da Rocha Neto fez seu pronunciamento enfatizando que “o Círculo foi o caminho da verdade e a disciplina intelectual de uma geração. Nasceu humilde na casa de Ascensão Fernandes e a humildade do seu nascimento garantiu o êxito do seu destino” (REVISTA DO CÍRCULO..., 1954, p. 772)<sup>12</sup>. Na avaliação do bandeirante e governador do Paraná, o CEB “foi um destino sério, longe do academicismo, longe do formalismo, longe do pensamento divulgado da intelectualidade convencional e grã-fina, longe da encenação aplaudida, das igrejinhas literárias [...]” (p. 772). Ele recuperou o sentido da fundação do CEB: combate aos acatólicos. “Gonzaga Miele castigou há vinte anos essa mediocridade, e durante vinte e cinco anos o Círculo de Estudos Bandeirantes foi um inconformado com a mediocridade angustiante” (p. 772). Rocha Neto conclamou: “temos de apontar à nova geração intelectual, o seu dever, o dever dos moços, o eterno dever dos moços que é o inconformismo. E quando me refiro aos moços, aludo à idade sociológica e não à idade cronológica. Há moços de todas as idades e velhos de todas as idades” (p. 773). Por fim, em tom performativo declarou que moços “são aqueles que amam sua terra, trabalham e concorrem para o seu progresso. Mas o progresso verdadeiro, no seu sentido essencial, na sua dimensão justa que é a espiritual, e não apenas a técnica. O progresso técnico pode ser destruído, mas o progresso espiritual é eterno” (p. 773).

O CEB constituiu-se no principal espaço de discussão e de formação intelectual do grupo

<sup>12</sup> O CEB organizou suas atividades de 1929 a 1938 na casa do pai de José Loureiro Fernandes.

católico paranaense. No início da década de 1930 o número de sócios do CEB cresceu significativamente. Já no primeiro ano (até 26/06/1930), trinta e sete personalidades associaram-se a este centro cultural. Tal fato indica que o grupo diretor desta instituição incorporou muitas personalidades da capital do Paraná. Em carta, Pe. Miele expressava que “a admissão dos sócios efetivos estaria sempre na dependência da aprovação do Conselho, ao qual caberia velar pela ortodoxia dos candidatos” (Correspondência do Pe. Miele a Loureiro Fernandes, 6 de julho de 1956).

Manoel de Lacerda Pinto passou a ser membro após a criação do CEB, tornando-se um dos principais representantes do laicato paranaense. Na sua juventude fora seguidor do grupo neopitagórico de Curitiba, coordenado por Dario Vellozo. Convertido ao catolicismo, compôs o grupo do CEB. Era formado em Direito pela Faculdade de Direito de São Paulo e professor na Faculdade de Direito do Paraná. No dia 3 de janeiro de 1933, Lacerda Pinto foi eleito presidente do CEB, por meio de sessão do Conselho. Tal eleição foi promovida para substituir a vacância do cargo em virtude da transferência do Pe. Miele para São Paulo, motivada por problemas de saúde<sup>13</sup>. A direção de Lacerda Pinto durou até novembro de 1933, quando renunciou para assumir o cargo de deputado estadual. Em seu lugar assumiu Antonio de Paula. Em junho de 1934, foi eleito Artur Martins Franco – membro associado após a criação do CEB –, detentor de titulação acadêmica (Engenharia) e de título de professor da Faculdade de Engenharia do Paraná.

O CEB nem sempre expressou um ambiente de cordialidade entre os membros e entre o laicato e o clero. A partir de 1933, a direção do CEB passou integralmente às mãos do laicato católico. As correspondências entre Loureiro Fernandes e Pe. Miele indicam que houve conflitos entre as pretensões do laicato e os objetivos do clero católico paranaense. Tal celeuma explicita-se em carta datada de 12 de junho de 1956, na qual Loureiro Fernandes relata que “vem o Pe. Alberton, jesuíta que comanda as Federações [marianas] com singular proposta de construir em terreno do círculo salões para cursos e funcionamento da Federação”. Na referida carta, Loureiro Fernandes assevera que [...] “não estou no ânimo de entregar o Círculo aos marianos, coman-

dados pelos jesuítas, recém arribados a esta terra”. A indisposição de Fernandes em relação ao poder dos jesuítas é muito grande: “revolta-me tudo isto, são poderosos hoje, com a Faculdade de Filosofia e com as múltiplas congregações religiosas de que dispõem e pretendem ainda absorver o Círculo, para cuja obra não contribuíram com uma só parcela neste difícil primeiro quarto de século de sua existência”. Esta passagem é muito obscura, pois em princípio o autor refere-se ao poder dos jesuítas, entretanto faz observações sobre o movimento católico do clero em geral. A contraposição de Loureiro Fernandes é ao movimento de controle clerical sobre o CEB, pois sua trajetória estava profundamente marcada pela defesa do catolicismo. Na década de 1950, foi um dos principais protagonistas da criação da Faculdade Católica de Medicina do Paraná. Contudo tinha clareza da natureza específica do CEB e das instituições de ensino superior. Na sua avaliação o sentido da obra da Congregação Mariana era muito diferente da vocação do CEB. Aquela tinha um caráter religioso. O último tinha vocação cultural, embora confessional. Na referida correspondência Loureiro Fernandes sustenta que procedeu sempre “para dar ao Círculo a sua genuína feição de centro cultural, sem exclusão, é claro, de nenhum assunto religioso, mas também sobretudo interessado em mantê-lo dentro da sua precípua finalidade”. Em outra passagem ele julgava: “diante da leviandade do padre Alberton em afirmar que o Círculo é uma entidade ‘confessional’, temo pelo desvirtuamento de sua finalidade. Tenho que levar o caso ao Conselho, não levarei enquanto não tiver sua opinião [de Miele]”.

Em 6 de julho de 1956, Pe. Miele envia sua resposta a Loureiro Fernandes, na qual faz a seguinte observação sobre a presença dos jesuítas no cenário cultural paranaense: “quanto à proposta do Padre Alberton, parece-me estar vendo o meu caríssimo (sincera, profunda e cordialmente caríssimo)

<sup>13</sup> Miele ingressou no Seminário Menor de Pirapora, no qual estudou humanidades. Posteriormente fez noviciado em Petrópolis, na Congregação da Missão de São Vicente de Paulo (Padres Lazaristas). Mais tarde foi para a França, onde estudou Filosofia em Dax e Teologia em Paris. Foi enviado à Curitiba, destinando-se para a comunidade lazarista do Ginásio Paranaense, no qual foi professor, secretário e vice-reitor. Por causa da perda de audição foi para São Paulo trabalhar na Cúria Metropolitana (1934-1973). Em 1973, passou a conviver com seus familiares em São Bernardo do Campo. Em 10 de julho de 1973, Miele faleceu.

Loureiro algo atarantado com ela, já por vir de um jesuíta (*horresco referens!*)<sup>14</sup>, já a favorecer aos marianos”. Pe. Miele e Loureiro Fernandes mantinham profunda relação de amizade. Mesmo após a ida de Miele para São Paulo, o grupo do CEB, particularmente Loureiro Fernandes, encontrava neste missionário vicentino (Congregação de São Vicente de Paulo) o baluarte intelectual e moral dos bandeirantes<sup>15</sup>. Na correspondência a Miele (12 de junho de 1956), Loureiro rememorava as observações deste padre gravadas em carta escrita em novembro de 1949. Nesta, de acordo com Loureiro Fernandes, o Pe. Miele teria orientado os diretores do CEB a não estabelecerem a função de um assistente eclesiástico. É interessante observar que a ideia de incorporar ao CEB um representante do clero como assistente eclesiástico partiu de Pedro Ribeiro de Macedo Costa (fundador), o que indica que entre o laicato havia divergência de entendimento sobre a própria natureza deste centro cultural. Em 1949, segundo Loureiro Fernandes, Miele teria escrito: “não é o Círculo nenhum sodalício religioso”. No entanto, na carta datada em 6 de julho de 1956 Miele asseverava: “eu modificaria, hoje, aquela minha opinião (expressa na carta a respeito do assistente eclesiástico), pois tenho notado que outras instituições similares (por exemplo: o Centro Dom Vital, aqui em São Paulo bastante conceituado e muito ativo) têm o seu assistente eclesiástico”. Emendava o filho de São Vicente: “não interfere este [assistente] no movimento específico da instituição: aconselha, sugere e, se for o caso, adverte. É uma segurança da ortodoxia católica da instituição, pois é grande mal, mesmo no campo da cultura, o despropósito, a heresia e a falsidade”. A posição de Miele explicita o lugar de onde produz a enunciação performativa. Na carta de 1949, seu posicionamento não se confrontava diretamente com o interesse da hierarquia católica, pois a solicitação de um assistente eclesiástico foi oriunda do laicato. Já em 1956, a pretensão de assumir o controle do CEB partiu do próprio clero. Estas circunstâncias são determinantes para compreender a mudança no enunciado de Miele. Os enunciados do clero expressam a posição institucional da Igreja Católica. Dessa forma, a revogação do parecer emitido em 1949 evidencia a assertiva de Bourdieu: “o poder das palavras é apenas o poder delegado do

porta-voz cujas palavras [...] constituem no máximo um testemunho, um testemunho entre outros da garantia de delegação de que ele está investido” (BOURDIEU, 2008, p. 87). O porta-voz do enunciado é a Igreja Católica. É possível identificar a censura na forma e no conteúdo do enunciado de Miele. De acordo com Bourdieu (2008, p. 132), “a censura alcança seu mais alto grau de perfeição e invisibilidade quando cada agente não tem mais nada a dizer além daquilo que está objetivamente autorizado a dizer [...]”.

Outras passagens da carta de Miele reafirmam com agudeza o grau de censura presente no seu enunciado. “Calma! Não conheço pessoalmente o Padre Alberton, mas presumo seja como outros muitos jesuítas que conheço. Não são homens tão ruins como certa gente imagina. Pelo contrário! Há entre os jesuítas homens de valor intelectual, cultural, social, ou mesmo simplesmente humano”. Em consonância com as interdições discursivas, Miele postula que os jesuítas são homens de vanguarda intelectual e moral nos grandes países da Europa. Ele ordena: “não tenha receio o meu caríssimo Loureiro”. Miele julga: “talvez haja ouvido ‘lendas’ ou lido ‘histórias’ que os [jesuítas] pintem mal e os caricaturam...”. Ele indaga: “será?”. Fica assombrado: “num intelectual do seu porte, isto me causaria espanto”. Em tom declarativo e de indagação assevera: “se não é o Padre Alberton que lhe causa temores, talvez seja a Federação das Congregações Marianas”. Em enunciado performativo expositivo declara que os marianos, “descontados os descontados, são gente boa que mira a um alto ideal e trava o bom combate da Fé e porfia por melhorar o mundo. Merecem o respeito de todos. E alguns até a nossa admiração. Não desdenhamos, pois, os ‘marianos’”.

A centralidade de Pe. Miele entre os fundadores do CEB deve-se a sua condição de representante do clero. A coordenação deveria estar no próprio clero. A rigor, a prevalência do clero sobre os leigos é constituída pela própria lógica do funcionamento

<sup>14</sup> A expressão latina *horresco referens* significa literalmente “tremo ao contá-lo”. Em termos aproximados: “tenho pavor em ter que dizê-lo”.

<sup>15</sup> Miele exercia uma espécie de orientação eclesiástica e filosófica aos membros diretores, pois continuou na condição de associado emérito do CEB.

da Igreja, pois “a prática sacerdotal e, ao mesmo tempo, a forma e o conteúdo da mensagem que ela impõe e inculca são [...] inerentes ao funcionamento de uma burocracia que reivindica com êxito mais ou menos total o monopólio do exercício legítimo do poder religioso sobre os leigos [...]” (BOURDIEU, 1998, p. 66). A esta estratégia Bourdieu denomina de coerção interna, por meio da qual se deseja “confiar o exercício do sacerdócio [...] a funcionários intercambiáveis do culto e dotados de uma qualificação profissional homogênea adquirida por um processo de aprendizagem específica [...]” (p. 65-66). A atividade do laicato era definida pela Igreja Católica como auxiliar ao projeto de romanização. A aproximação do clero aos leigos ocorria em razão das forças externas ao campo religioso, as quais se referem:

Aos interesses religiosos dos diferentes grupos ou classes de leigos capazes de impor à Igreja concessões e compromissos mais ou menos importantes segundo o peso relativo a) da força que podem colocar a serviço das virtualidades heréticas contidas em seus desvios com relação às normas tradicionais [...] e b) do poder de coerção envolvido no monopólio dos bens de salvação [...] (BOURDIEU, 1998, p. 66).

O segundo fator é decorrente do primeiro, pois diz respeito à formação acadêmica dos representantes do clero. Os integrantes do CEB não detinham formação formal em letras e/ou filosofia. Nesse sentido, a presença de Miele era a principal referência para discutir as temáticas da filosofia católica. A saída do Pe. Miele representou uma lacuna. Tal problema foi minimizado com a presença do Pe. Jesus Ballarin Carrera, principal representante da filosofia católica no interior do CEB na década de 1930 e no início da década de 1940.

### **Filosofia católica: alicerce do pensamento dos bandeirantes paranaenses**

A filosofia católica teve nas mãos do Pe. Jesus Ballarin Carrera sua referência principal no decorrer da década de 1930 e início da década de 1940. Os membros deste círculo cultural manifestavam de modo recorrente a necessidade de estabelecer um curso de filosofia para eles próprios, bem como promoviam a defesa da filosofia como área básica

e fundamental no processo de formação da juventude. Entre 1934 e 1936, sob a regência de Ballarin Carrera, o CEB organizou um curso de filosofia tomista destinado aos bandeirantes.

Entre os enunciados que declaravam a necessidade da filosofia no processo de formação da juventude destacamos a oração de paraninfo pronunciada por Manoel de Lacerda Pinto no Instituto Santa Maria, em 1932<sup>16</sup>. Na posição de paraninfo, Lacerda Pinto sustentou que “nunca há de adquirir uma verdadeira cultura quem não possuir o espírito filosófico, a que se referem as palavras citadas pelo Pe. Lahr no seu curso: ‘o melhor sinal do espírito filosófico é amar todas as ciências’” (PINTO, 1944, p. 25). Para este bandeirante, as ciências têm necessidade da filosofia, principalmente

Hoje, em consequência do desenvolvimento das ciências, o sábio é obrigado, sob pena de permanecer superficial, a se meter numa especialidade cada vez mais restrita, pelo que deve, se não quiser falsear o seu espírito, tornando-se exclusivo, elevar-se de quando em quando acima do seu objeto próprio, para ter uma vista de conjunto e respirar o ar puro dos princípios (PINTO, 1944, p. 25).

No dizer deste católico, a época moderna exigia que os intelectuais se ocupassem de objetos específicos para que a pesquisa tivesse maior profundidade. Entretanto, a formação científica não poderia prescindir da formação filosófica. Esse posicionamento apregoava a necessidade da filosofia tomista para melhor compreender o papel das ciências modernas.

O fragmento que melhor explicita a natureza do projeto intelectual do laicato católico paranaense é aquele que conclama os estudantes a buscarem no filósofo Sertillanges o espírito de um intelectual, as condições e os métodos para se tornar um pensador. Na avaliação de Lacerda Pinto, “ele [Sertillanges] dirá da necessidade imperiosa de uma cultura geral, explicando-vos que ‘toda ciência, cultivada à parte não só não se basta, senão que oferece perigos que todos os homens de senso têm reconhecido’” (PINTO, 1944, p. 26).

<sup>16</sup> A referência a esse discurso aparecerá como Diretrizes à juventude (orações de paraninfos), uma coletânea comemorativa organizada em 1944, com diversos discursos pronunciados aos formandos do Instituto Santa Maria de Curitiba.

Para o grupo católico trilhar o percurso de uma cultura geral, lastreada na filosofia, seria a condição necessária a uma compreensão unitária do conhecimento. Era preciso um conhecimento que possibilitasse aos jovens percorrer o caminho dos saberes, e no olhar do bandeirante que parafraseou Maritain “é a Filosofia de Santo Tomás de Aquino, essa grandiosa arquitetura do pensamento humano, consagrada pela Igreja, em recomendações reiteradas de todos os Sumos Pontífices, principalmente de Leão XIII até S. Santidade Pio XI” (PINTO, 1944, p. 26). O grupo católico propôs um projeto intelectual que primava em primeiro lugar por uma rígida formação filosófica tomista, o que segundo a tradição católica consistia num conjunto de ideias essenciais/universais que preparariam o espírito humano para compreender melhor os diversos campos da ciência. O dominicano Sertillanges afirmava, segundo Lacerda Pinto que:

Ninguém poderia contestar a utilidade de possuímos, tão cedo quanto possível, até mesmo desde a partida, um conjunto de ideias diretrizes que formem corpo, conjunto esse que seja capaz de, como o ímã, atrair e subordinar a si todos os nossos conhecimentos. Quem isso não tenha, no mundo intelectual, cairá facilmente no ceticismo, por frequentar tantas civilizações disparatadas e tantas doutrinas adversas (PINTO, 1944, p. 27).

Para o grupo católico, a desordem intelectual em que se encontravam os meios acadêmicos modernos persistia em razão da própria organização das instituições, que privilegiavam uma formação fragmentada, ignorando o conhecimento no seu conjunto. Esta ideia foi sustentada à luz de Sertillanges:

Essa desordem é uma das grandes desgraças do tempo presente. Afastarmo-nos dela, por força do equilíbrio intelectual que uma segura doutrina proporciona, é incomparável benefício. Ora, a tal respeito é o tomismo soberano. Dir-se-ia que ele foi criado, com sete séculos de antecedência, para saciar a nossa sede (PINTO, 1944, p. 27).

Em meados da década de 1930, o grupo católico organizou o primeiro curso tomista. À medida que o grupo paranaense constituía-se e se fortalecia, a Diretoria do Círculo de Estudos sentia a necessidade de dispor de um curso de filosofia tomista

para os integrantes desta sociedade cultural. Este curso foi ministrado entre os anos de 1934 e 1936 pelo Pe. Jesus Ballarin<sup>17</sup>, cuja formação recebera na Universidade de Cervera,

Onde, durante os anos de 1919-1921, forma-se em Filosofia e Ciências, defendendo a tese de Filosofia no fim do terceiro ano. Na Faculdade de Teologia e Direito da mesma Universidade, cursou os cinco anos de Teologia Dogmática, Moral e Direito Canônico, nos anos de 1922-26, defendendo no fim do quinto ano a tese de Teologia (REVISTA DO CÍRCULO..., set. 1949, p. 368)

Na mesma época “frequentou os cursos livres de Direito Civil e Direito Comparado; Cursos livres de Sociologia e Economia Política, História das Religiões, Arqueologia, Pedagogia” (p. 368). Quando chegou ao Brasil foi nomeado professor de Filosofia no Seminário Cordimariano, primeiro em Rio Claro, no estado de São Paulo, e posteriormente em Curitiba, entre 1929 e 1936, tendo sido lente de várias disciplinas, dentre as quais ressaltamos Metafísica, Teodiceia, Filosofia Moral e Social, Sociologia, Filosofia Natural, Psicologia e História da Filosofia. No mesmo artigo saudou-se Ballarin Carrera por aceitar o convite da Diretoria do CEB para coordenar o curso de Filosofia Tomista para os bandeirantes, no período de 1935-1936, com uma ou duas conferências semanais, com ênfase em Lógica e na Filosofia Natural.

Para a sua lição de filosofia proferida por ocasião do encerramento das aulas do curso ministrado, houve sessão extraordinária, com a presença de D. Ático Eusébio da Rocha, arcebispo de Curitiba, e do Sr. Marcel Godefroid, Cônsul da Bélgica. Nessa sessão, Pe. Ballarin Carrera proferiu a conferência que se intitulava *O tomismo e o neotomismo e o Cardeal Mercier*. A sua intervenção iniciou com comentários gerais a respeito do CEB e do Cardeal Mercier, ao afirmar que:

Este recinto é o templo da cultura – regido por sábios Estatutos em cujo frontispício se vê a legenda: ‘Círculo de Estudos Bandeirantes – Sociedade de

<sup>17</sup> Padre Jesus Ballarin Carrera (Claretiano) nasceu em Chia (Huesca-Espanha) em 21 de janeiro de 1902. Diplomado pela Faculdade de Filosofia e Teologia da Universidade de Cervera (Lérida/Espanha). Ele foi um dos principais responsáveis pela criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná (1938), juntamente com Loureiro Fernandes. Em 6 de julho de 1942 ele faleceu.

Cultura'. E, como sociedade de cultura abre hoje as portas do seu templo para cultuar dentro dos seus muros um dos maiores espíritos de cultura da nossa época, a figura excelsa do grande cardeal DESIDERIO MERCIER (REVISTA DO CÍRCULO..., set. 1939, p. 21).

Ballarin Carrera destacou uma passagem de Mercier que demonstrava a importância da filosofia tomista:

Sabeis que a doutrina de Santo Tomás de Aquino produzirá sempre frutos opímos<sup>18</sup> e sazonados, uma vez que seja tratada com a difusão e a clareza devidas, investigando e analisando todas e cada uma das suas partes. Todas elas, numa harmonia admirável, constituem um corpo único de doutrina, mas não é possível que um só professor as possa penetrar e abranger todas (CARRERA, 1939, p. 27).

Esta passagem de Mercier deve ser compreendida no contexto geral da época, qual seja: Leão XIII havia ordenado que as instituições católicas de ensino voltassem a adotar a filosofia tomista como doutrina orientadora de seus ensinamentos. Em 1880, o pontífice solicitou ao Cardeal Gossens, Arcebispo de Malines, que fosse criado na Universidade Louvaniense um curso especial de filosofia tomista. O responsável pelo primeiro curso de filosofia tomista foi o Cardeal Mercier. Daí o sentido de seu pedido para que a hierarquia da Igreja constituísse um grupo de pesquisadores e professores da filosofia tomista. Ballarin Carrera, usando as palavras de Wulf, um dos principais discípulos do Cardeal, afirmou que “Mercier foi o iniciador principal da renascença do Tomismo; chamou a atenção de todos sobre o neotomismo elevando-o até ocupar um lugar entre os sistemas a serem escolhidos por qualquer espírito avisado do século XX” (CARRERA, 1939, p. 38).

Mercier era uma das referências neotomistas para o laicato católico no Paraná, além de Jacques Maritain. Lacerda Pinto sintetizava que Maritain era considerado pelo grupo católico “o maior neotomista da França atual” (PINTO, 1944, p. 28). O curso ministrado por Ballarin Carrera procurou estabelecer entre os intelectuais católicos paranaenses uma compreensão ampla da filosofia tomista, a fim de que se compreendesse a relação entre a filosofia/metafísica de São Tomás de Aquino e o conhecimento científico.

De acordo com Ballarin Carrera, a primeira preocupação do filósofo Mercier era sistematizar uma crítica à filosofia moderna, pois ela caracterizava-se pela “independência excessiva de qualquer autoridade doutrinária, e pelo menosprezo completo da tradição científica” (CARRERA, 1939, p. 32).

Para Carrera a filosofia moderna:

Separa a Filosofia da Teologia que embora distintas devem todavia estar associadas no homem concreto, na vida intelectual total, e na evolução histórica; separa a Filosofia da tradição e da ciência; a verdade da realidade, a prática da teoria, estabelecendo insolúvel antinomia entre a concepção do mundo e a lei da vida, entre o pensamento e a ação, entre a ciência e a sabedoria, entre ser e querer, entre a ordem material e a ordem moral, entre a ontologia e a deontologia, entre a metafísica e a moral (CARRERA, 1939, p. 32).

Esta ação da filosofia moderna expressava-se nas diversas correntes, entre as quais destacamos o positivismo, o empirismo, o racionalismo, o agnosticismo, o relativismo, o historicismo, o marxismo. Segundo Ballarin Carrera (1939, p. 33), Mercier denunciou os limites dessa filosofia quando afirmou que “o fenômeno sensível não é, nem pode ser toda e a única realidade; e que, sem princípios universais e necessários torna-se impossível a própria interpretação dos fatos”. Para o filósofo neotomista não era possível “seguir esses sistemas incompletos; por isso descobria-lhes a insuficiência e punha de manifesto o perigo a que ficavam expostas as verdades fundamentais sobre que se esteia a vida intelectual e social, moral e religiosa da humanidade” (CARRERA, 1939, p. 33-34).

Ballarin Carrera afirmava que a restauração do tomismo era o grande ideal de Mercier. De acordo com Carrera, o tomismo de Mercier postulava:

a) a utilização dos sentidos e da razão com a subordinação dos primeiros à segunda; b) a submissão a um ideal único, constante de verdade, de bondade, luz e força; e) União sem absorção nem exclusão da natureza e do sobrenatural, da razão e da fé, da liberdade e da graça, da família, do estado e da Igreja. Ou ainda mais claramente: o respeito fiel e a sujeição do entendimento aos ensinamentos da Revelação;

<sup>18</sup> A expressão “frutos opimos” é latina. Em sentido figurado, na língua portuguesa é adjetivada por frutos em abundância.

perfeita e prudente harmonia entre a investigação pessoal e o respeito à Tradição; harmônica unidade entre a observação e a especulação racional, entre a análise e a síntese. (CARRERA, 1939, p. 34-35)

De acordo com Ballarin Carrera, Mercier procurou privilegiar duas questões no seu percurso de restauração do tomismo: o confronto com as filosofias modernas e a harmonização do tomismo com o progresso científico. No que diz respeito ao segundo aspecto, pronunciava-se o filósofo:

A filosofia faz coro com a ciência sendo apenas desenvolvimento natural da mesma. A Cosmologia deve-se apoiar nas ciências físicas e matemáticas, a Psicologia nas naturais ou biológicas, a Criteriologia nas históricas, a Filosofia moral e social nas ciências morais, econômicas e políticas (CARRERA, 1939, p. 36-37).

Esta preocupação que estava presente no pensamento do Cardeal Mercier teve impacto marcante entre a elite intelectual católica paranaense. Em termos mais precisos ainda, é possível afirmar que o laicato católico estabelecia os limites da filosofia moderna e postulava a necessidade de se conciliar a ciência com a filosofia tomista. Ele acreditava na ideia de que:

Unicamente a Filosofia de Santo Tomás soube conservar – através das constantes ruínas dos sistemas que temos constatado nos três últimos séculos – a estabilidade de suas primeiras teorias e afirmações, encontrando-se por isso, de presente, suficientemente sólida para servir de base e princípio de unidade aos resultados obtidos pelas ciências modernas (CARRERA, 1939, p. 37).

O grupo católico compreendia que a tradição intelectual moderna privilegiou a especialização em uma determinada área do conhecimento. Nesta situação são vistos pontos negativos e pontos positivos: a formação intelectual poderia preparar profundos conhecedores de determinadas áreas, porém não ensina o sentido daquele conhecimento para a humanidade, ou ainda, a relação daquele saber com a condição humana. O laicato católico compreendia que a ciência estava a serviço do ser humano, isto é, o conhecimento científico deveria ajudar o homem a viver melhor. Portanto, a ciência não deveria ser tomada como um fim em si mesma, mas como meio para contribuir à vida humana.

Para Lacerda Pinto somente com uma sólida formação filosófica tomista se chegaria “um dia a assistir, neste Paraná de tão promissor futuro, à inflorescência magnífica da formação intelectual dos católicos, preconizada pelo Cardial Mercier e, ainda agora, em nosso meio, por Tristão de Ataíde, na sua **Política**, livro que merece ser lido e meditado” (PINTO, 1944, p. 27-28, grifo do autor). Em 1954, por ocasião do 25º aniversário do CEB, Bento Munhoz da Rocha Neto arrematou que “no curso de Filosofia do Pe. Jesus Ballarin Carrera, ele nos obrigava a estudar, sistematizando nossas atividades intelectuais” (REVISTA DO CÍRCULO..., 1954, p. 771). Além disso, continuava Rocha Neto, “foi de fato, extraordinário, que na dispersão e na anarquia do pensamento moderno, pudéssemos ter a felicidade da disciplina filosófica” (p. 771). A oração de paraninfo de Lacerda Pinto e o curso de filosofia organizado para os sócios do CEB constituíram dois momentos típicos de defesa da filosofia tomista na capital do Paraná na década de 1930.

## À guisa de conclusão

Este artigo objetivou discutir a ação do laicato católico paranaense entre as décadas de 1930 e 1950, particularmente suas intervenções no Círculo de Estudos Bandeirantes. Este centro cultural foi constituído pela ação conjunta do clero e do laicato católico, visando combater o movimento anticlerical curitibano, bem como estudar e divulgar o pensamento católico entre a elite paranaense. Ao longo da década de 1930, tal instituição consolidou-se como principal locus de formação cultural e política da juventude, assim como o mais importante espaço de sociabilidade da elite católica, constituída por um conjunto de personalidades com formação universitária – notadamente em Engenharia, Direito e Medicina. A partir da década de 1940, o CEB dividiu com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras a responsabilidade pela discussão e formação cultural dos curitibanos. Na década de 1950, com a criação da Faculdade Católica de Filosofia de Curitiba, os diretores do CEB veem seus membros assumirem outras atividades acadêmicas, o que determinou um processo de minimização de sua função originária. A rigor, as ações dos intelectuais pulverizaram-se, no entanto

o CEB continuou presente no cenário cultural da capital do Paraná.

Nesta narrativa a ênfase foi discutir o papel do CEB no processo de constituição do projeto de romanização da Igreja Católica no Paraná. Nesses termos, o lugar do ensino superior não foi abordado. Foi no CEB que os católicos constituíram-se como grupo intelectual comprometido com a filosofia tomista e estabeleceram um espírito de fraternidade religiosa, acadêmica e política. Foi também neste espaço que se formou uma geração de intelectuais que passou a ocupar as principais funções profissionais, acadêmicas e políticas do estado do Paraná. Deste ambiente, o movimento católico eclipsou a

ação anticlerical que tinha relativa força no início do século XX. Tal assertiva evidencia-se na medida em que ao longo das décadas de 1920 a 1950 a classe política tinha forte vinculação com a Igreja Católica, com destaque aos governos de Caetano Munhoz da Rocha (1920-1928) e Bento Munhoz da Rocha Neto (1951-1955). Evidencia-se também pelas fileiras de professores (membros do CEB) que ingressaram na FFCL e na FCFC (docência/direção), bem como na Universidade do Paraná (reitoria). Portanto, a significativa presença do laicato católico nas atividades acadêmicas e nas funções políticas indica que o projeto romanizador da Igreja teve grande êxito no Paraná.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, 2008.
- \_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- \_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- CARRERA, J. B. Otomismo e o neotomismo e o Cardeal Mercier. **Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes**. Curitiba, t. 2, n. 1, set. 1939.
- CÍRCULO DE ESTUDOS BANDEIRANTES. Conselho Diretor. Ata de fundação do Círculo de Estudos Bandeirantes realizada em 12 set. 1929. **Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes**. Curitiba, n. 3, p. 59-60, dez. 1989.
- FERNANDES J. L. **Correspondências de José L. Fernandes**: arquivo do Círculo de Estudos Bandeirantes. 1929-1973.
- MIELE, L. G., Pe. **Correspondências do Pe. Luis G. Miele**: arquivo do Círculo de Estudos Bandeirantes. 1929-1973.
- PINTO, M. de L. Oração de paraninfo. In: **Diretrizes à juventude**. Curitiba: [S.:n.], 1944, p. 15-30.
- REVISTA DO CÍRCULO DE ESTUDOS BANDEIRANTES. Curitiba, 1934-1954.

*Enviado em 30.08.10*

*Recebido em 23.01.11*